

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

LEONARDO XIMENES LONDERO

**A REALIDADE DA ARBITRAGEM NAS CATEGORIAS DE BASE DO BASQUETE:
O CASO DE PORTO ALEGRE**

PORTO ALEGRE

2017

LEONARDO XIMENES LONDERO

A REALIDADE DA ARBITRAGEM NAS CATEGORIAS DE BASE DO BASQUETE: O
CASO DE PORTO ALEGRE

O presente trabalho de conclusão de curso faz parte dos requisitos necessários para a graduação no curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Mário Roberto Generosi Brauner

Porto Alegre

2017

Leonardo Ximenes Londero

**A REALIDADE DA ARBITRAGEM NAS CATEGORIAS DE BASE DO BASQUETE:
O CASO DE PORTO ALEGRE**

Conceito final:

Aprovado em: de de

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Cicero Moraes - UFRGS

Orientador – Prof. Dr. Mário Roberto Generosi Brauner – UFRGS

AGRADECIMENTOS

A minha namorada, Luiza, por estar sempre presente me ajudando em tudo o que precisava a qualquer hora, me dando apoio e força para seguir em frente.

Ao meu professor orientador, Mário Brauner, pela paciência, auxílio e parceria durante todos esses anos.

A minha família, por ter me dado o exemplo de caráter, força e me ajudado na construção dos meus valores.

A todos os entrevistados e demais pessoas que colaboraram para que este trabalho fosse realizado.

RESUMO

Os estudos que se referem à arbitragem apontam que a importância dos árbitros, em qualquer competição esportiva, é muito grande. A formação do atleta passa muito pela arbitragem esportiva, onde cada movimento realizado pelo atleta estará sujeito ao sancionamento por parte dos árbitros. Nesse sentido, e buscando ratificar tais evidências, organizamos um estudo do tipo qualitativo com a seguinte questão de pesquisa: "A arbitragem vem contribuindo para a formação dos atletas e para a qualificação do processo de treinamento de basquetebol nas categorias de base até 14 anos?". A partir deste questionamento buscamos identificar a opinião dos técnicos e atletas a respeito da condução do jogo pelo árbitro nessas categorias, e verificar e entender como o próprio árbitro observa a sua função ao atuar com esse público. Para a obtenção dos resultados, utilizamos como ferramenta de trabalho a entrevista semiestruturada. O universo do estudo contou com 6 participantes selecionados entre diferentes segmentos (árbitros, técnicos e atletas). A partir da análise dos relatos dos entrevistados e de seu cruzamento com os dados teóricos do estudo, constatamos que a arbitragem em Porto Alegre, segundo a opinião dos técnicos e atletas, carece de uma conduta mais educativa, pois atua, na maioria das vezes, de forma punitiva. Contudo, ao observar as falas dos árbitros, estes revelam que o espaço para a conversação e explicação está sempre aberto. Uma maior aproximação dos três segmentos produziria uma evolução no desenvolvimento do jogo que beneficiaria a qualidade de todo o realizado.

Palavras-chave: Basquetebol, Arbitragem pedagógica, Educação Física

ABSTRACT

Studies concerning to arbitrage show that the referees play a very important role in any sports competition. The training of the athlete goes through a lot of sports refereeing, where each movement performed by the athlete will be subject to sanctioning by the referees. In that way, and seeking to ratify such evidence, a qualitative study was organized using the following research question: "Has arbitrage been contributing to the training of athletes and to the qualification of the basketball training process in up to 14 years base categories?". From this question, it was sought to identify coaches and athletes opinion regarding the referee's game conduct in these categories, verify and understand how the referee himself observes his role while with this public. For the results was used a semi-structured interview as working tool. The study had 6 subjects selected from different segments (referees, coaches and athletes). From the analysis of the interviewees' reports and data crossing with theoretical data, it was discovered that arbitrage in Porto Alegre, according to coaches and athletes opinion lacks a more educative conduct, since it acts more often on punitive form. Nevertheless, when observing the referees' speech, they declare that there is always opportunity for dialogue and explanations. A closer approximation of the three segments would produce an evolution in the development of the game that would benefit the quality of the entire process.

Keywords: Basketball, Pedagogical Arbitration, Physical Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. CAPÍTULO TEÓRICO	10
2.1 Conhecendo o jogo de Basquete	10
2.2 Sobre sua estrutura e organização.....	11
2.3 Aspectos psicológicos do jogo.....	11
2.4 Uma reflexão sobre a arbitragem.....	13
2.5 Pedagogia do esporte	15
3 DECISÕES METODOLÓGICAS	16
3.1 Caracterização do estudo	16
3.2 Instrumento de Pesquisa Utilizado	17
3.3 Sujeitos.....	17
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	19
5 CONSIDERAÇÕES A MODO DE CONCLUSÃO	29
6 REFERÊNCIAS	32
ANEXO A: Carta sobre o espírito desportivo.....	35
APÊNDICE A: Roteiro da entrevista (árbitro).....	36
APÊNDICE C: Roteiro da entrevista (atleta).....	38
APÊNDICE D: Termo de consentimento livre e esclarecido.....	39

1. INTRODUÇÃO

Como todo o aluno que se forma no curso de Educação Física da UFRGS, para finalizá-lo é preciso fazer um trabalho de conclusão de curso. Normalmente esse tipo de estudo é feito na área de atuação do aluno. Pratico basquete há mais de 15 anos e, hoje em dia, posso dizer que já fui um pouco de tudo dentro desse esporte. Fui jogador por longo tempo, das categorias de base ao adulto, atualmente sou treinador e atuo também como árbitro. Dentro do universo do basquetebol, as duas últimas funções foram as que mais me chamaram a atenção para o crescimento pessoal - principalmente a última. Controlar uma partida aplicando as regras, em vários momentos explicando para os atletas que as desconheciam, em outros momentos, dentro do que penso de uma arbitragem pedagógica, empregar o *fair-play* e devolver a posse para o atleta que infringiu a regra, com isso posso dizer que ser árbitro é muito mais desafiador.

Com o meu ingresso na universidade aos 22 anos, para o curso de bacharelado, o meu único desejo era não virar técnico e, muito menos, árbitro. No meu terceiro ano, após ter sido monitor do meu professor da disciplina de basquetebol e atual orientador, fiz uma proposta a ele, pedindo a chance de dirigir as equipes masculina e feminina. No outro ano, fiz o curso para árbitro, pela Federação Gaúcha de Basketball. Ou seja, com o tempo percebi que seria impossível fugir daquilo que eu mais sabia fazer: jogar, conversar, viver o basquete.

Os estudos que se referem à arbitragem apontam que a importância dos árbitros, em qualquer competição esportiva, é imensa. São elementos essenciais para o funcionamento de todo o tipo de competição esportiva organizada, desde o esporte infantil até o profissional de alto nível. A formação do atleta passa muito pela arbitragem esportiva, pois cada movimento que o atleta realiza estará sujeito a sanções por parte dos árbitros, e os praticantes precisam se adequar às regras da modalidade. Já a arbitragem precisa dar um *feedback* para os jogadores do que seria permitido ou não fazer, o que influenciaria no aprendizado dos mesmos, visto que cada erro ou acerto dos árbitros repercutirá não só com os atletas, mas também com o técnico e com espectadores em geral, podendo inclusive, influir diretamente no resultado final de uma partida e da própria competição.

Considerando toda esta importância da arbitragem, principalmente na formação dos atletas, seria interessante que mais estudos observassem como os árbitros têm desempenhado o seu papel, especialmente, ao atuarem nas categorias de base até 14 anos. Portanto o objetivo deste estudo é verificar a opinião dos técnicos/ professores e atletas a respeito da condução do jogo pelo árbitro nas categorias até 14 anos, bem como compreender como o próprio árbitro

observa a sua função ao atuar com esse público. Foi escolhida essa faixa etária pelo fato de que os jovens até 14 anos não possuem um elevado nível de proficiência e ainda estão em uma fase de formação, seja como atletas seja como pessoas.

Neste sentido, entendemos que a realização deste estudo se justifica pela importância da figura do árbitro no funcionamento de qualquer competição esportiva. Por ser um elemento central de ponderação e ajuizamento das disputas (PARANÁ, 2013), um mediador, e sancionar todas as ações do que o atleta aprendeu durante os treinos.

Nosso trabalho está dividido em quatro partes: a primeira, onde abordamos os aspectos do esporte e da arbitragem, suas bases teóricas; uma segunda parte, onde apresentamos as decisões metodológicas sob as quais estruturamos e desenvolvemos o estudo, os sujeitos pesquisados e os instrumentos utilizados. Na terceira etapa, analisamos e discutimos os resultados. Concluindo, apresentamos as considerações finais do trabalho.

2. CAPÍTULO TEÓRICO

Para iniciar o capítulo teórico, vamos falar um pouco sobre o basquete, sua história, sua criação até o momento da chegada ao Brasil e sua organização internacional, nacional e regional. Depois passaremos para os aspectos psicológicos do jogo, onde vamos discorrer sobre sua complexidade, tratar de situações provocadoras de *stress* e abordar o assunto arbitragem. Logo após, abordaremos, mais profundamente, a arbitragem no contexto de auxílio no jogo, o que representa, seu conhecimento e sua função nas categorias de base. Seguindo, comentaremos sobre arbitragem pedagógica e finalizaremos falando sobre pedagogia.

2.1 Conhecendo o jogo de Basquete

O basquete nasceu de uma missão, dada por Luther Halsey Gullick, diretor do Springfield College, colégio internacional da Associação Cristã de Moços (ACM), no ano de 1891, ao professor canadense James Naismith. A tarefa consistia em criar um tipo de jogo sem violência, para evitar conflitos entre os alunos, e que os estimulasse durante o inverno, já que a estação era longa e bastante rigorosa e as opções de atividade física em locais fechados se restringiam a aulas de ginástica. Porém, o esporte também deveria ser praticado no verão em áreas abertas.

Depois de muitas reuniões e reflexões, James chegou à conclusão de que o jogo deveria ter um alvo fixo, com um certo grau de dificuldade, jogado com uma bola, que quicasse com regularidade, e ter um sentido coletivo. Pensando no alvo, imaginou que não poderia ficar no chão, porque já havia outros esportes assim, como futebol e hóquei, então pensou em um alvo a uma altura em que nenhum jogador de defesa pudesse parar a bola quando ela fosse arremessada. O alvo a 3,05m de altura dava um certo grau de dificuldade ao jogo, exigindo que os jogadores atirassem a bola com habilidade e precisão. Com todos esses elementos em mãos, Naismith criou as primeiras regras do jogo, afixando-as num dos quadros de aviso do ginásio. Após comunicar aos alunos que tinha um novo jogo se pôs a explicar as instruções e organizar as equipes.

O esporte se difundiu muito rápido nos Estados Unidos. O primeiro jogo foi disputado em 1892, com nove jogadores em quadra. No mesmo ano, a professora de educação física do Smith College, Senda Berenson, adaptou as regras e iniciou o basquete feminino. A primeira partida foi disputada em 1896.

No Brasil, a prática iniciou na Associação Atlética Mackenzie College, de São Paulo, também em 1896, quando o norte-americano Augusto Louis trouxe uma bola dos EUA.

2.2 Sobre sua estrutura e organização

A FIBA, abreviação de "*Fédération Internationale de Basketball Amateur*", foi criada em 1932. Em 1986, a distinção entre amadores e profissionais foi eliminada, e a palavra amador foi extinta, porém o "A" de FIBA foi mantido, pela tradição e também porque podemos utilizá-lo como o "BA" do começo de *BASketball*. Em 1989 a FIBA abriu a porta para a participação olímpica por profissionais como jogadores da NBA ("*National Basketball Association*") nos Estados Unidos.

Oito nações foram membros fundadores: Argentina, Checoslováquia, Grécia, Itália, Letônia, Portugal, Romênia e Suíça. Em 1936, em Berlim, a FIBA nomeou James Naismith como seu presidente de honra.

A Federação Brasileira de *Basketball* nasceu em 1933, no Rio de Janeiro e em uma Assembleia, em 1941, passou ao nome atual, Confederação Brasileira de *Basketball* (CBB). A CBB rege o basquete no Brasil, faz parte da FIBA e tem como filiadas todas as federações dos estados do Brasil e do Distrito Federal.

No Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, no ano de 1952, foi fundada a FGB, Federação Gaúcha de *Basketball*. Na época contou com o apoio de 22 clubes fundadores. A FGB atua regendo o basquete no estado.

Ainda no Rio Grande do Sul, em 2001, um grupo de árbitros de basquete da Federação Gaúcha de *Basketball* criou uma nova e muito importante entidade: a Associação Gaúcha dos Oficiais de *Basketball* (AGOB) que, em seu estatuto, "*se denomina uma sociedade civil, sem fins lucrativos, constituída não só para agregar todos os Oficiais de Basketball atuantes ou não, como também no sentido de estudo das regras e normas oficiais, proteção, coordenação e colaboração com os poderes públicos e demais associações, além da solidariedade social. Possui sede e foro na cidade de Porto Alegre/RS, e base territorial no Estado do Rio Grande do Sul*".

2.3 Aspectos psicológicos do jogo

O basquetebol, segundo DE ROSE JR. (1999), pode ser considerado como uma das mais complexas modalidades esportivas por apresentar uma grande variação de ações durante o jogo e, ainda, limitações de tempo da partida e espaço físico. Os atletas precisam estar preparados física, técnica e taticamente. Esses componentes, aliados aos aspectos psicológicos, são decisivos na determinação do desempenho dos atletas e na definição do resultado. Ainda

segundo o autor, o basquetebol é um jogo com pressão de tempo, dinâmica de situações, interferência de arbitragem e dos técnicos e, ainda, situações externas, que exigem uma atenção especial e preparação adequada. Com relação aos aspectos psicológicos que permeiam todo o contexto competitivo, também pode ser citado o *stress*.

Saber lidar com as situações provocadoras de *stress* e conseguir manter as condições adequadas de ansiedade é fundamental para permitir a tomada de decisões importantes durante o jogo. SMITH (1986), citado por DE ROSE JR. (1999), corrobora afirmando que em qualquer nível de competição, os atletas são submetidos a dois tipos de demandas: as físicas e as psicológicas. Quando essas demandas extrapolam os recursos fisiológicos, comportamentais e psicológicos dos atletas, então o *stress* acontece. Esse mesmo autor afirma que o *stress* é endêmico ao meio competitivo, mas reconhece-se que, em elevados níveis, podem trazer consequências negativas ao desempenho, ao prazer de competir e ao bem-estar geral do atleta. Segundo BARBOSA e CRUZ (1997), o *stress* no esporte independe da idade, sexo, posição específica ou nível competitivo.

Em um contexto competitivo, o basquetebol é um esporte potencialmente gerador de *stress*, em que os atletas são requisitados a manter um alto desempenho, ainda que sob circunstâncias dinâmicas que exigem grande atenção, concentração e participação ativa, mediadas por diversas pressões, inclusive a arbitragem. Tudo isto no conjunto pode afetar o rendimento. (MADDEN, SUMMERS & BROWN, 1990; DE ROSE JR., 1999)

Em um estudo de MADDEN, SUMMERS & BROWN (1990), utilizando um questionário, foi constatado que a "falta de forma física", "perder a bola", "errar bandejas" e "arbitragem" foram as situações que provocaram maiores níveis de *stress* em 133 jogadores australianos de basquetebol. DE ROSE JR. (1999) cita um estudo, realizado por ele mesmo, que identificou que algumas situações de jogo consideradas causadoras de *stress* pelos atletas são, além da arbitragem – citada com unanimidade - sair com cinco faltas e ser excluído do jogo. Outras situações podem ser citadas, também, como provocadoras de *stress*, como por exemplo, a falta técnica, a marcação de faltas em determinadas jogadas, como em infiltrações - que nem sempre fica evidente o ato - e violações, como a andada. Essas situações, que sempre são interpretadas pela arbitragem, geram *stress* tanto para jogadores, quanto para técnicos e para os próprios árbitros.

Estar atento e concentrado durante o jogo é crucial para o árbitro. Conforme BECKER JUNIOR (2000), o árbitro de modalidades esportivas coletivas deve interpretar e sancionar lances de alta velocidade com vários obstáculos à sua percepção e diversos fatores contribuem para que eles não apresentem uma conduta uniforme frente a lances idênticos. Ainda segundo

o autor, apesar do incrível poder do esporte em desequilibrar emocionalmente os indivíduos, o único que não pode perder a cabeça é o árbitro (apud, DE ROSE, 2002, p. 161). Segundo PEREIRA, SANTOS e CILLO (2007), assim como no futebol, a tarefa do árbitro resulta em levar a partida até o final com competência, procurando não perder nenhum lance, mesmo que sua atuação esteja submetida a uma forte pressão. Para lidar com estas situações o árbitro necessita de autocontrole e adequada autoconfiança, para conseguir a imparcialidade. Perder uma jogada por estar desatento pode causar bastante desconforto, o que desencadeará uma situação estressante, prejudicando o desempenho do árbitro naquela partida.

2.4 Uma reflexão sobre a arbitragem

Assim como os jogadores, os árbitros precisam se preparar antes dos jogos. KOCIAN, *et al.* 2007, chama o árbitro de líder, que faz parte da partida, que controla, regulamenta e interfere dentro de quadra. Estudos dizem que o líder deverá estar sempre observando a partida de uma maneira facilitada para conseguir controlá-la com as regras adequadas. Logo, fica evidente que o árbitro precisa ter o conhecimento do jogo e da mecânica da arbitragem.

A arbitragem deve conhecer a partida em todas as visões, sejam elas de jogadores, técnicos, mesários e torcida, para não exercer a sua liderança na hora errada. A produtividade do árbitro depende muito do seu nível de concentração durante a partida e essa concentração deverá estar num nível de motivação ideal, ou seja, nem alta, nem baixa (KOCIAN, 2007).

De acordo com um estudo realizado por ZINGANO (2010), o acompanhamento dos árbitros iniciantes é feito, na maioria das vezes, por árbitros mais experientes que estão com eles nos jogos. Essa prática faz-se necessária pois em determinados lances o árbitro com maior experiência poderá interpretar com mais rapidez e tomar a melhor decisão, assumindo o controle das situações mais difíceis, evitando prejuízos à partida.

O árbitro tem a função de ponderar o jogo, além disso ele repreende, assinala, aconselha, coíbe e, muitas vezes, conquista o carinho e a admiração de colegas e inclusive dos atletas (PARANÁ, 2013). Segundo uma entrevista feita com árbitros no estado do Paraná, em 2013, constatou-se que a arbitragem deve atuar de forma muito mais informativa do que punitiva, principalmente, no que chamam de categoria B, que são alunos entre 12 e 14 anos.

Árbitro 1: Antes de dar um cartão, antes de excluir o atleta, a gente precisa colocar na cabeça do aluno que ele precisa ter disciplina, companheirismo, respeito, e é isso que a gente vê hoje nos Escolares, uma arbitragem pautada muito mais na orientação do que na punição. Já na categoria 'A' (alunos entre

15 e 17 anos) a atuação da arbitragem já um pouco mais rígida, porque eles já tiveram essa fase inicial do aprendizado (PARANÁ, 2013).

Nesta mesma reportagem, outro árbitro entrevistado caracterizou essa arbitragem diferenciada como “arbitragem pedagógica” e afirma que a Secretaria Estadual de Educação do Paraná solicita que os árbitros sempre apliquem a regra, mas que, principalmente na categoria B, a arbitragem seja de forma pedagógica. Porém, há uma grande dificuldade de se aplicar uma arbitragem menos rígida em relação à aplicação das regras, aliada a uma condução de jogo mais voltada à educação do atleta, muito em função de os próprios professores que conduzem seus atletas não serem tolerantes com essa prática, corroborando com o que foi citado por outro entrevistado.

Árbitro 2: Agora não sei se isso é passado pros professores, que existe esse tipo de arbitragem pedagógica, pois às vezes a gente deixa certas coisas rolarem sem tanta rigidez e o professor não entende esse nosso papel de ser mais educativo do que punitivo, aí nos cobram isso e acaba criando um descontentamento por parte do professor em relação à arbitragem (PARANÁ, 2013).

Desde a criação do basquetebol, quando só se jogava com algumas regras expostas no ginásio para fazer um jogo organizado, até os dias de hoje, muita coisa mudou. Muitas coisas na arbitragem mudaram. Atualmente, muitas regras são aplicadas fielmente conforme o livro de regras, porém, a proposta de tornar o jogo mais fluido faz com que a arbitragem tenha que interpretar muito mais as regras e saber o momento certo de aplicá-las. Por vezes, como todo o ser humano, a arbitragem erra, deixa passar o momento de apitar alguma violação ou infração, mas não o faz com intenção - queremos acreditar. Para a arbitragem, segundo a Carta sobre o Espírito Desportivo¹ (ANEXO A), chamada também de "Carta do Fair Play", é muito importante oferecer uma prática formativa e humana.

Esta carta apresenta artigos importantes sobre o comportamento da arbitragem e para com a arbitragem. Os artigos 2, 3 e 9 trazem que, para a figura do árbitro, mostrar espírito desportivo significa conhecer bem todas as regras e aplica-las com imparcialidade, ainda, que todos devem aceitar suas decisões sem num pôr em causa a sua honestidade, também, todos precisam respeitar os árbitros do jogo, a presença deles é absolutamente indispensável na competição e possuem um papel difícil e ingrato a desempenhar, por isso todos devem aceitar. Por isso, eles merecem o respeito de todos.

¹ Publicada pela RSSQ (La Régie de la Sécurité dans les Sports du Québec), em 1984, apresentava recomendações às pessoas que estavam envolvidas direta ou indiretamente com as atividades esportivas.

Assim como os técnicos exercem um papel de professores perante os alunos, a arbitragem também funciona desta forma, pois cada movimento de um atleta estará sujeito ao sancionamento pelo árbitro (ZINGANO, 2010), ou seja, indicando cada erro que ele comete. A arbitragem pedagógica, segundo PARANÁ (2013), serve para que esta indicação, esse apontamento do erro, represente para o atleta em formação uma possibilidade de aprender com o erro. Aprender durante o jogo é bastante importante, uma vez que é muito complicado para o técnico simular todas as situações de infrações e violações para explicar as regras nos treinos.

Na continuação, desenvolveremos algumas considerações sobre os aspectos pedagógicos.

2.5 Pedagogia do esporte

Existem diferentes vertentes na pedagogia do esporte que tratam diversas situações de ensino-aprendizagem presentes no esporte. Neste capítulo, iremos discorrer sobre as diferentes metodologias de ensino que tem um único objetivo: facilitar o aprendizado para o aluno.

O foco do processo de iniciação esportiva, segundo PAES E BALBINO (2009), são os aspectos técnicos, táticos e físicos da pedagogia do esporte. Entretanto, o profissional que lida com as crianças não deverá limitar a prática esportiva somente a questões da metodologia. É muito importante e necessário considerar a possibilidade educacional do esporte. Esse referencial metodológico deverá ser baseado em três questões: o que ensinar? Quando ensinar? Como ensinar? Como dito anteriormente, o esporte exige que o profissional de educação física compreenda a pedagogia de forma mais ampla, transformando-a em facilitadora no processo de educação do ser humano.

Por isso, é necessário ir mais além, transpassar a técnica e promover a integração dos praticantes. Essa proposta, só será possível se estiver fundamentada em uma filosofia norteada por princípios essenciais para a educação dos alunos, logo, auxiliando a responder o quarto questionamento, que seria: até aonde o esporte poderá contribuir para o processo educacional do ser humano?

Estudos mostram que a pedagogia do esporte, com ênfase demasiada nos aspectos técnicos em detrimento da consideração dos aspectos tático, deixa de lado o "para que fazer" e privilegia o "como fazer". Por exemplo, no basquete, quando o atleta resolve demandas táticas do jogo, abrindo mão de uma técnica, como o arremesso, que mesmo feito de forma eficiente, pode não ser suficiente para a solução de um problema. Caso o marcador seja mais alto, pode haver um companheiro melhor posicionado. São situações imprevisíveis, porém é a dimensão

tática que dá sentido ao jogo (DAOLIO e VELOZO, 2008). Dessa forma, fica evidente o uso da pedagogia, em que o professor deve auxiliar o aluno a prever esse tipo de situação e ensiná-lo tomar a melhor decisão, ou seja, em determinados momentos o “para que fazer” – aspecto tático – deve ser levado em conta, muito mais do que o “como fazer” – aspecto técnico.

Para que o ensino tenha significado na vida dos praticantes, alguns autores trazem que a pedagogia deve estar comprometida e ser adequada com os aspectos mais importantes para os alunos, isso durante todo o processo. A relação entre ensinar e formar é bastante próxima, e estes devem ser os princípios que nortearão todo o processo. Ou seja, ao mesmo tempo em que estamos ensinando os alunos, estamos formando pessoas. Logo, para que o ensinamento não seja superficial, ele deve significar algo para o praticante.

Indiscutivelmente, o esporte é um excelente facilitador na educação e formação de jovens (REVERDITO e SCAGLIA, 2009) cabendo ao agente pedagógico desempenhar a função acreditando que o esporte ensina. Diversos autores falam que compreender o esporte como processo pedagógico é importante, porém não simplesmente envolvido, mas comprometido com o ensinar, com o formar e com a prática educativa. Acreditamos, como FREIRE E VENÂNCIO (2005), que “educar é mais que transmitir conteúdos, é mais que determinar comportamentos restritos; educar é ensinar a viver”.

3 DECISÕES METODOLÓGICAS

Neste capítulo, vamos discorrer sobre os caminhos que percorremos neste trabalho. Abordamos a caracterização do estudo, detalhamos um pouco mais sobre a entrevista e, explicamos nossos critérios para a escolha dos sujeitos que tomaram parte do universo da pesquisa.

3.1 Caracterização do estudo

O presente estudo seguiu as características de um trabalho qualitativo. Segundo LÜDKE e ANDRÉ (1986 p.44), pesquisa qualitativa também conhecida como naturalística, apresenta algumas características básicas, como por exemplo ter o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, os dados coletados são predominantemente descritivos, a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto, o significado que as pessoas dão às coisas e a sua vida são focos de atenção especial

pelo pesquisador e a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Essa técnica se sobrepõe às outras, pois ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante sobre os mais variados tópicos (OLIVEIRA, 2009).

3.2 Instrumento de Pesquisa Utilizado

Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas, que são as entrevistas mais comumente utilizadas nas pesquisas qualitativas. A entrevista nessa metodologia, ao privilegiar a forma específica de conversação, favorece o acesso direto ou indireto às opiniões, às crenças, aos valores e aos significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e ao mundo circundante. Esse tipo de entrevista deixa livre o interlocutor para que ele fale do que está acessível a sua mente no momento da interação com o entrevistador e, em um processo de influência mútua, produz um discurso compartilhado pelos dois atores: pesquisador e participante (FRASER e GONDIM, 2004).

Para efeitos deste estudo, foi proposta uma entrevista com um roteiro para cada segmento - árbitro, técnico e atleta (APÊNDICES A, B e C). Cada roteiro contou com uma série de questionamentos definidos previamente, com o intuito de adequar as respostas dos entrevistados às questões norteadoras.

Selecionados os entrevistados e, efetuados os contatos respectivos para agendamento das entrevistas e esclarecimento sobre os objetivos do estudo, desenvolveu-se o período do trabalho de campo propriamente dito. Ouvidas as pessoas e transcritas as gravações, retornou-se a cada entrevistado o material correspondente para que confirmassem sua concordância com mesmo e autorizassem sua utilização. Neste sentido, todos os sujeitos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que consta na parte final do trabalho (APÊNDICE D).

3.3 Sujeitos

Optamos por realizar um estudo que se caracterizou por entrevistar algumas pessoas que compõem o universo do basquete. Embora se possa reconhecer que existem inúmeros fatores que influenciam no jogo, como por exemplo os pais, os dirigentes e a própria torcida. Para o caso de nosso estudo, porém, resolvemos explorar melhor apenas a opinião do árbitro, do atleta e do técnico, que são os mais diretamente ligados ao jogo.

Assim como o estudo de LADEIRA e DARIDO (2003), resolvemos nos prender mais aos rumos que revelaram do que à quantidade de entrevistados, pois, os métodos qualitativos são apropriados quando o fenômeno em estudo é complexo, de natureza social e não tende à quantificação.

Deste modo, nosso grupo de estudo restringiu-se a seis (6) sujeitos: dois árbitros, dois técnicos e dois atletas. Optamos por escolher, dentre os dois sujeitos de cada categoria, um com mais experiência no campo de atuação e outro com menos experiência. Para a escolha dos atletas mais especificamente, preferimos optar por um atleta com idade até 14 anos, com experiência em campeonatos arbitrados, e um atleta mais velho que passou pelas categorias de base, que tenha experiência como técnico e trabalhe com arbitragem de jogos de basquete atualmente. Os outros segmentos de entrevistados - árbitros e técnicos - escolhemos somente pela experiência na profissão, sem outros quesitos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os dados foram interpretados a partir do cruzamento dos diferentes autores que compõem o capítulo teórico com as informações resultantes das entrevistas realizadas, baseado em categorias de análise que achamos serem relevantes para as respostas de nossa questão de pesquisa.

Para descrever as falas dos entrevistados, procuramos categorizá-las dentro de uma lógica relacionada com os pressupostos teóricos desenvolvidos no presente estudo.

De acordo com DE ROSE (1999), o basquete pode ser considerado como uma modalidade esportiva bastante complexa, por apresentar uma enorme variação de ações durante o jogo. Posto isso, verificamos que para um árbitro de basquete ter êxito na carreira, é necessário ter a PRÁTICA DO JOGO. Ser um ex-atleta é importante, mas conhecer a partida pela visão do atleta (KOCIAN, 2007) e saber como o jogo funciona dentro de quadra é imprescindível, podendo evitar situações estressantes dentro da partida, assim como pode-se observar nas falas dos entrevistados:

"(...) pela falta de experiência, quem não foi jogador de basquete, dificilmente vai apitar bem esse jogo (...) Assim como o atleta, a repetição é o que vai fazer o cara ter qualidade. (...) árbitros que nunca tiveram numa quadra de basquete jogando é difícil. Eles apitam com o livro de regras na mão e não é um jogo que tem que apitar com um livro de regras. O basquete é um jogo que tu tem que conhecer, porque o cotovelo pro lado as vezes é falta e as vezes não, né, corta-luz andando as vezes é e as vezes não é. Falta de ataque as vezes é e as vezes não é. (...) Então se o cara não conhece tudo isso, não vai ser um bom árbitro..." (Técnico 1)

"O cara que não teve experiência de quadra... e eu digo ex-atleta com a experiência de jogar campeonato estadual. Por que tem muito atleta que jogava no colégio e não é a mesma coisa, porque tu não tem o nível da competitividade. (...) O cara que competiu ele sabe o que que o treinador e o atleta tão esperando daquela partida, ele vai saber ler o momento do jogo, então ele vai saber que tá nos últimos 2 minutos de jogo e tá um placar com pouca diferença, ele sabe que a outra equipe tá viva e vai ficar lutando até o final, então vai ter muito mais contato, o pessoal vai reclamar por causa de uma lateral, às vezes vão ver a bola do outro lado da quadra, mas eles vão reclamar porque eles precisam daquela bola a favor deles. Então o cara que jogou, o cara sabe como que é isso. O cara que não teve esse jogo, que jogou escolar e não teve essa competitividade assim (...) não tem esse feeling, então vai aprender com o passar do tempo na quadra, o cara que foi atleta já chega na quadra sabendo isso. (...) O cara que não tem isso, ele tem que começar do zero, então ele vai levar um tempo maior pra poder desenvolver a visão de árbitro melhor". (Árbitro 2)

Segundo BECKER JUNIOR (2000, apud DE ROSE 2002, p. 161), o árbitro irá interpretar e sancionar lances de alta velocidade, para isso deverá estar atento o tempo todo. Salientam-se, então, os quesitos ATENÇÃO e DÚVIDA, que se apresentam como fatores estressantes do jogo, ficando claro nos depoimentos a seguir:

“(...) o basquete é um jogo muito rápido né, tem que estar sempre atento. Agora se o jogo começou a ficar mais pegado e tu desfoca um pouco da atenção, fica um jogo mais estressante, porque as duas equipes tão querendo o resultado e os técnicos começam a falar no teu ouvido e às vezes o teu companheiro de arbitragem se perde junto e acho que essa é uma das piores partes que tem durante o jogo. (...) às vezes ainda fico muito nervoso nos jogos né, claro que com o tempo de arbitragem a gente melhora bastante.” (Árbitro 1)

“Quando eu jogava, me lembro de ter situações assim do árbitro às vezes não ter certeza do que ele tá marcando, assim, ou ficar na dúvida... porque acaba mexendo com o ânimo dos dois times, assim. tem muita diferença de um árbitro experiente, um árbitro que não tem tanta experiência. Eu, pessoalmente eu noto diferença quando... Até hoje, quando apitam quando eu tô jogando e tem uma arbitragem diferente. Porque quando tu fica na dúvida ali, tu mostra que tu não tem a certeza ou não tem a segurança do que tu tá marcando, do porquê que tu tá marcando. Então acaba tendo um conflito contra o time que tu marcou, e ao mesmo tempo o outro time que se beneficiou nesse lance tá vendo que tu não tá seguro no jogo, então a próxima marcação lá eles também vão reclamar, eles vão ver que tu tá meio perdido. E aí, se tu não tiver a segurança, o punho de pegar o jogo ali e conduzir direitinho, tu acaba se perdendo.” (Atleta 2)

De acordo com a entrevista realizada com árbitros no estado do Paraná, a arbitragem deve atuar de forma informativa, ao invés de punitiva, principalmente nas categorias entre 12 e 14 anos. Além de repreender e assinalar erros, ela deve aconselhar e deve ser aplicada de forma pedagógica. Essas categorias acumulam crianças que ainda não têm muita experiência em campeonatos com arbitragem, por isso a dificuldade de jogar, de se adequar às regras. Apontamos, então, outra categoria relevante: ARBITRAGEM PEDAGÓGICA.

“Eu acredito que, também, que a arbitragem até os 14 anos tinha que ser educativa, tinha que deixar passar as caminhadas básicas que a gente vê na TV na NBA, e mostrar pro guri porque ele andou, acho que é por esse caminho, a arbitragem tem que ser educativa mesmo, né. Acho que ela é muito punitiva aqui. (...) (Técnico 1)

O Atleta 2, por ter a vivência de técnico e trabalhar com a arbitragem, opinou das duas formas:

“(...) a arbitragem mais pedagógica é isso. Acontecia a situação no jogo, a criança te olhava.. “O que que aconteceu?”. Não tinha noção do que tava acontecendo. A gente parava o jogo, no caso a gente não reunia todo mundo,

mas acho que em um tom de voz pra todo mundo ouvir. Tu explicava a situação, “Ó, aconteceu isso. É fora por causa disso, é dentro por causa disso. Pode, não pode”. (Atleta 2, quando atuou como árbitro)

““Eu acho que a importância do árbitro, dessa arbitragem que ajuda a ensinar é essencial, principalmente nas primeiras categorias ali no sub-12, no sub-13. (...) Muitas vezes a criança no mini, 12 anos ali, tá aprendendo as regras também né. Tá começando essa vivência como atleta de competição. (...) Tem criança que sabe a regra e vai te olhar assim “Ah, mas o que que aconteceu?”, sabe que errou, mas ao mesmo tempo o árbitro poderia ter essa interpretação... Tentar... até auxiliar o técnico ali né. Porque às vezes tu tá falando lá do teu banco e o cara não tá ouvindo lá dentro da quadra. O árbitro tá ali, mais perto e pode dizer (...) Às vezes, ah, tu deu a caminhada, e a criança olha e não entendeu o porquê e ao mesmo tempo já tá saindo a bola lá no lateral e... E acaba... A criança fica sem a resposta... Tem ali a dúvida e não tem a resposta. (...) o sub12 e o sub13, principalmente, ali, acho que é essencial que eles tenham isso, né. Porque é a categoria que eles tão aprendendo, então, muitos ainda não têm a experiência em campeonatos, não sabem como é que funciona as regras na prática”. (Atleta 2, quando atuou como técnico)

O Árbitro 2, traz uma opinião que aproxima as falas dos entrevistados anteriormente:

“A indicação pra nós é, até os 13 anos principalmente, ser uma arbitragem de tentar ajudar a corrigir as falhas (...) (Árbitro 2)

Porém, pelo relato de um árbitro, podemos observar que o assunto arbitragem pedagógica poderia ser melhor contemplado dentro da arbitragem em Porto Alegre, principalmente pelo fato de que a Federação Gaúcha conta com um certo tipo de acompanhamento realizado por uma comissão ou mesmo durante os jogos, por *feedbacks*, feito pelos árbitros com mais experiência:

“(...) o que a gente vê, que rola muito é no jogo, por exemplo, a equipe vai para o jogo e começamos a conversar, como vai ser o jogo e tal, as crianças são menores, é para a gente fazer uma arbitragem pedagógica. Aí tem um feedback, tipo: “aquela falta tu poderia ter conversado com o atleta”. Mas eu acho que ainda falta um pouquinho mais, de repente, falar dessa arbitragem pedagógica nas reuniões que a gente tem, e falar “como tu chega no atleta, quais as dúvidas frequentes”, entende? Ter uma abordagem mais ampla, assim, para nós, do que só nos jogos, né, só o feedback nos jogos. Acredito que seria legal. (...) nem todos os árbitros são da educação física e não tem essa visão pedagógica que a gente tem. E seria importante a federação abraçar isso aí e repassar também.” (Árbitro 1)

Conforme o relato a seguir, do Atleta 2, podemos perceber a indignação quanto à falta desta pedagogia dentro do jogo:

“(...) tenho impressão de que... Para tu ser árbitro, não que seja pouca coisa, mas se tu souber a regra e souber apitar e gesticular e fazer a parte técnica da arbitragem, tu é árbitro. Tu não tem aquela pedagogia de “Por quê? Como

eu vou fazer isso? De que maneira? Ah, no sub-12 é uma coisa, no adulto é outra coisa, no sub-19 é outra, no sub-15... ”. (Atleta 2)

O entrevistado cita, também, situações ideais que talvez ajudassem no desenvolvimento desta pedagogia quando questionado sobre a importância dessa ADAPTAÇÃO DA ARBITRAGEM ÀS DISTINTAS FAIXAS ETÁRIAS – outra categoria que gostaríamos de salientar:

“Na teoria eu acho que talvez ela exista, mas na prática eu não vejo acontecendo. (...) É que nem a gente dar aula. Eu vou dar aula pra uma criança é uma coisa, eu vou dar aula pra um guri de 17 anos é outra. O entendimento dele é outro... A maturidade é outra, a consciência dele, o entendimento vai ser totalmente diferente de uma criança de 8 anos pra um jovem de 17. Então eu acho que a arbitragem também tem que acompanhar essa diferenciação. (...) Esses tempos eu tava pensando porque que no curso não tem alguma parte que se toque nesse ponto, né. Que fale que “Tá, se eu sou árbitro de 12 anos, qual vai ser a minha pedagogia ali. Qual vai ser o meu método, o meu padrão de arbitragem”. Se eu vou ser do 13 é uma, se eu vou ser do 12 é outra, se eu vou ser do 19 é outro. Por mais que às vezes sejam os mesmos árbitros, né, eu acho que tu tem que saber se adaptar, assim, ao que tu tá... Por mais que seja o mesmo esporte, mesmas regras... Acho que tem que haver essa diferenciação assim... Não é diferenciação, acho mais adaptação”. (Atleta 2)

Quando realizei o curso de arbitragem, em 2014, em nenhum momento os professores abordaram o assunto de pedagogia, em adaptar a maneira de arbitrar um jogo conforme a categoria. Porém, conforme os depoimentos a seguir, podemos perceber que existe um tipo de ACOMPANHAMENTO que os árbitros mais experientes realizam junto aos árbitros menos experientes, como citado anteriormente, de modo a auxiliá-los para que exerçam suas funções de forma ideal, contemplando, talvez, essa falta de um tópico sobre pedagogia dentro do curso.

“Dentro da nossa federação nós temos a comissão de arbitragem que são aqueles que acompanham muitas vezes in loco e muitas vezes em conversas entre nós. (...) Então essa comissão de arbitragem, muitas vezes eles vão acompanhar jogos, ou na capital ou no interior pra dar uma olhada pra ver como tá o pessoal, como tá a situação. Muitas vezes por relatório dos próprios colegas, digamos, tem uma pessoa começando, os outros mais antigos, sejam mesários ou árbitros, vão falar “ó, fulano tá bem em tal coisa, mas tem que cuidar tal coisa”, porque isso é importante? Por que no momento que esse diretor for assistir ao jogo dessa pessoa ele já vai ter um norte pra ver e realmente ele segue cometendo tal erro e se ele mantém aquilo que ele estava fazendo bem, pra poder justamente chegar nessa pessoa e dizer “tu tá muito bem nisso, mas nisso tu vai ter que melhorar”. Então esse é o tipo de acompanhamento que a gente tem hoje na federação”. (Árbitro 2)

“(...) reuniões para estabelecer as regras do ano e tal, regras pra determinadas competições, tipo o sul-americano”. (Árbitro 1)

Esse acompanhamento permite ao árbitro que está iniciando o auxílio necessário para o crescimento dentro da profissão, porém, é necessário mais do que isso para uma boa atuação da arbitragem. Segundo PEREIRA, SANTOS e CILLO (2007), para o árbitro ter uma boa atuação é muito importante ter boas condições psicológicas, mas o que diferenciará um bom árbitro dos demais, além de outras características, é estabelecer boas relações com os outros. O árbitro, segundo DE ROSE (2002) precisa estar ciente de que a sua atuação depende da sua INTERAÇÃO PROFISSIONAL com todos os envolvidos no esporte, sejam eles a imprensa, a torcida, os dirigentes, e, claro, os sujeitos deste estudo: os atletas e os técnicos.

“(...) uma vez eu fiz uma falta e o juiz me explicou o que eu tava fazendo, porquê que eu tava levando falta. Porque... Porque que eu tava fazendo a falta, que ele tava entrando e eu tava seguindo com o peito ali, daí ele me explicou porque que eu tava fazendo a falta, na primeira falta que eu fiz. E eu não fiz mais. (...) daí eu não fiz mais.” (Atleta 1)

“Eu acho que o jogo de cintura tem que haver das duas partes, né. Dependendo da conversa e do tipo de contestação, tanto do atleta como do técnico, a arbitragem pode conversar, a arbitragem tem que levar em consideração. Acho que dependendo do tipo da arbitragem, do tipo de contestação, tanto do atleta como do técnico, tem que ser punido, né, mas qual a punição pro árbitro? Né, quando ele erra e define um campeonato? Então o meu ponto de vista pra eles é esse, a gente sabe que não tem como saber se é de propósito ou não, mas já existem muitos casos de arbitragem definir campeonato, ou jogo, não interessa, e quem tem que definir jogo é o atleta. Não é o técnico e não é o árbitro.” (Técnico 1)

O simples fato de um erro de arbitragem poder comprometer o resultado final de uma partida, justifica um estudo sistemático sobre a atuação profissional do árbitro, segundo SAMULSKI, NOCE e COSTA (1998, apud DE ROSE, 2002, p. 161). O Técnico 1 continua seu relato sobre a interação profissional da arbitragem de basquetebol em Porto Alegre:

“Eu acho que aqui ela não existe, aqui na nossa realidade, essa interação não existe, então eu acho que eles punem demais. (...) a gente sempre frisa a importância da gente ser punido e não o atleta, então dificilmente o meu atleta vai falar com o árbitro. Eu acho que muito poucos aqui faltam com respeito com o outro, e acho que nós temos uma boa relação aqui sim, mas não tem muita troca de informação, assim "vamos trabalhar juntos pra evoluir os dois lados". (Técnico 1)

Conforme a fala do Técnico 2, percebemos que esse concorda com as opiniões do outro técnico e ainda acrescenta:

“Eu acho que essa importância ela existe, cara, mas eu acho que a arbitragem recebe uma informação pra não ter esse contato. (...) contato de proximidade.. Vou apitar e já não olho mais pro meu amigo que joga, não posso, tenho que tá visando o ar superior” (...) Tu chega e os caras tão aqui (nariz empinado), postura cara, acho bonita a postura, mas não cumprimenta o professor. Acho que os técnicos, às vezes, não dão esse espaço também, não é só eles, sabe? “Ah eu sou técnico, então sou acima de ti”, a gente trabalha pra mesma causa, cara.. Basquete.” (Técnico 2)

O relato do Atleta 2 apresenta um ponto de vista de que deveria acontecer uma relação mais próxima entre a arbitragem e os técnicos, facilitando o processo de ensino do atleta. Relação essa que, pela fala do entrevistado, não há:

“Na verdade eu acho que a relação da arbitragem com os técnicos tinha que... Pelo menos na categoria de base tinha que ser diferente, assim. Tinha que ser mais “Vamos ensinar” e menos “Eu vou apitar e tu faz a tua parte que é ensinar”. (...) Acho que é importante até haver uma comunicação entre os técnicos e os árbitros, não sei se na formação dos árbitros ou antes de começar o campeonato. (...) Tem a parte da reunião técnica ali antes de começar o campeonato. (...) porque não os árbitros participarem ou os técnicos juntos, né? “Ah, esse campeonato são... Sei lá, quatro quartos de oito minutos, vai ser cronometrado assim, vai ser apitado tal...”. Aí os árbitros “Ah, a gente vai padronizar assim”. Até pros técnicos saberem, como é que eles vão apitar nossos jogos, o que que eles vão considerar... Até que ponto eles vão ser rígidos com as crianças... “Ah, nós vamos cobrar isso, isso e isso. Básico. O resto, se não for assim a gente vai parar e vai ensinar ou a gente vai apitar, vai ser e deu”. (Atleta 2)

Entretanto, conforme o Árbitro 1, há uma tentativa de se estabelecer essa relação:

“Sempre que acontece um caso desse eu tento chegar no atleta, quando vejo que ele não entendeu, chego no atleta e converso e explico para ele a questão. Se eu vejo que ele ficou meio em dúvida ainda, eu chego no técnico e falo: “ah, teu jogador não entendeu isso aqui... de repente fala pra todos na hora que tu for conversar, para ele entender do jogo. (...) é um ambiente mais de formação... então, os atletas que tão ali, estão para aprender. Então, eu gosto muito de apitar alguma coisa, parar e conversar com o atleta, “entendeu porque fez tal coisa? ” Também não converso em todos os lances porque deixa o jogo mais lento, né. Mas alguma coisa que ele fica em dúvida e fala: “o que o fiz? ” Eu vou lá e tento explicar, ou as regras de violações, que é um pouco mais complicado de eles entenderem, eu gosto muito de chegar para o atleta e passar.” (Árbitro 1)

Porém, assim como no estado do Paraná acontece de alguns professores não serem tolerantes com esse tipo de conversa com o atleta no meio do jogo, aqui em Porto Alegre acontece a mesma coisa, conforme relato do Árbitro 2:

“Antes de punir a gente vai explicar “ó, não faz isso... cuida tal coisa”, mas sozinho a gente não pode fazer isso, até porque já aconteceu situação de tu querer explicar pra uma criança e tu ouvir o treinador dizendo “eu que sou o treinador dele”, bom... então.. Por que tu não ensinou?”

Quando questionado se teria conseguido passar a explicação para o atleta, o entrevistado falou o seguinte:

“(...) eu já tinha explicado, mas daí depois ele me chamou e disse “ó, se tiver algum problema fala pra mim e não pra ele”. Então, eu sou uma pessoa que tenho receio de ficar explicando, muitas vezes, porque daqui a pouco o cara vem me encher o saco... já aconteceu isso.” (Árbitro 2)

Ainda quanto à interação da arbitragem com os atletas e técnicos, acontece também de os atletas que estão iniciando ficarem com uma imagem ruim da arbitragem. Com certeza, isso se deve ao fato de já terem presenciado algum tipo de lance negativo marcante, conforme a fala do Atleta1:

“(...) só que não pode reclamar né, porque ele não vai me dar nada. Porque senão eu levo a técnica. Pro juiz não pode reclamar.” (Atleta 1)

As situações de jogo são constantemente interpretadas de diferentes formas por parte de todos e, diversas vezes, diferentes daquelas realizadas pelo árbitro (DE ROSE, 2002), por isso acreditamos que para acontecer uma arbitragem ideal, além da interação, há a necessidade do CONHECIMENTO DAS REGRAS que levam a algumas implicações, tal qual o relato dos entrevistados:

“(...) eu vejo que na formação dos atletas as vezes falta muito a questão de regras. Então a gente apita alguma coisa e o atleta não entende o que foi apitado. Então as vezes é até importante a gente intervir e explicar para o atleta...” (Árbitro 1)

“Acho que é de fundamental importância para o desenvolvimento do jogo, para uma melhor evolução do jogo. Da arbitragem perante o técnico e atleta, do atleta perante ao árbitro e do técnico perante ao árbitro e o seu atleta, acho que se os três conhecerem bem e cumprirem as suas regras, né, é aquilo, o basquete não é uma ciência exata, é interpretativo, mas tu pode interpretar muito mais de um lado que do outro. Então eu acho que se cada um fizer o seu papel a coisa vai andar super bem. (...) Os que menos aparecem, os que menos olham o placar, são os melhores árbitros que eu já vi.” (Técnico 1)

Conforme o relato do Atleta 1, por ser mais novo no esporte, ficou evidente que o desconhecimento da regra influencia demais na partida, contudo, percebemos, também, que a sensibilidade da arbitragem em um lance como o relatado a seguir, seria muito importante para que o atleta conseguisse jogar tranquilo:

“(...) eu fiquei meio impressionado, porque “Como assim? O que que aconteceu? Não acabou os 24 segundos, o juiz não deu falta e eu não saí com a bola, não caminhei, nem coisa assim...” Daí depois o treinador gritou “Só tem oito segundos pra passar da quadra, senão tu perde a posse”. Daí eu parei de fazer isso (risos). Daí eu fazia tudo e eu ficava contando na cabeça “um, dois...”, daí se não dava pra mim passar eu tentava atirar a bola pra alguém lá na frente e coisa assim.” (Atleta 1)

É muito importante para um atleta conseguir jogar se preocupando somente com o jogo, com as jogadas, com o entendimento da partida, ainda mais quando está iniciando no esporte. O Atleta 2, a seguir, fala sobre a importância de saber aplicar as regras, enquanto, o próximo entrevistado, o Árbitro 2, conta uma experiência negativa dentro de uma partida, porém com um final em que todas as partes – árbitro, técnico e atleta- parecem ter ficado satisfeitos:

“Ah, eu acho que se tu é árbitro tem que saber a regra na ponta da língua em todas as situações. Eu acho que a parte situacional também é muito importante. (...) Todo mundo. Quem joga, quem ensina e quem apita, né. Na verdade, é um conjunto, né. O técnico e o árbitro, na minha opinião, tinham que saber como ensinar ou como introduzir a regra ali no jogo. E o jogador, por sua conta, como se apropriar das regras, né, como entender.” (Atleta 2)

“O basquete é um dos poucos esportes no mundo que se tu não souber a regra, tu não pode jogar, a minha visão disso sempre foi assim, desde quando eu jogava. Eu sempre me preocupei em saber o que eu poderia e não poderia fazer. (...) Tu tem que saber a regra, se não souber, não vai jogar, ou vai chegar num jogo, como acontece muitas vezes, a criança não sabe a regra, tu vai lá sinaliza uma falta, uma caminhada, a criança se irrita e tu acaba ou tendo que chamar a atenção ou, num caso mais grave, tendo que dar uma falta técnica na criança. Me aconteceu recentemente, num mini. Um atleta de 11 ou 12 anos, guri que a gente vê que tem talento pra seguir mas a gente vê que ele não entende a regra, não entende o jogo, então aconteceram duas, três situações na partida que quando aconteceu a primeira eu avisei, na segunda vez eu conversei com ele, e na terceira vez eu chamei a atenção dele e falei “não faz isso que eu vou ter que te dar uma técnica”, ele se irritou e quase jogou a bola em mim e eu tive que dar uma falta técnica. (...) é uma criança... mas eu dei aquilo, o treinador chamou a atenção dele, no outro jogo ele veio conversar comigo, pediu desculpa (...) que ele tinha entendido o porquê que eu tinha dado, pra mim era o que eu queria, eu queria que ele entendesse aquilo ali.” (Árbitro 2)

Porém, na sequência da conversa, o Árbitro 2 salienta que, por mais que o desejo dele fosse que o atleta entendesse o porquê de ele ter levado a falta técnica, o que ele queria mesmo era não ter que aplicar a regra desta forma, como mostra o relato a seguir:

“Mas eu queria também, que eu não precisasse fazer aquilo ali, porque se tivesse sido trabalhado com ele que ele não poderia fazer aquela situação, não teria nada. Na primeira vez que eu explicasse: “não faz mais isso” ele já teria entendido. (...) na minha visão, escolinha, mini, tu vai ter que trabalhar o fundamento e o entendimento do jogo, e o entendimento tá dentro de saber as regras do jogo. Então eu sinto muita falta disso no estado, como trabalho mais aqui. E é uma coisa que tá aumentando cada vez mais, com o passar das

gerações. Quando eu comecei a apitar, há 9 anos, as crianças entendiam muito mais o jogo, muito mais as regras, hoje a gente vê cada vez menos e isso reflete na qualidade do torneio. (...) Eu conversei com os treinadores e eles mesmo me falam que hoje é muito difícil prender a atenção da criança, por causa da tecnologia e tal (...) então é aquilo, são poucos treinadores que realmente se preocupam em querer que as crianças aprendam o jogo e não querer ir lá e ganhar ou ganhar por pouco.” (Árbitro 2)

Com base nesse último depoimento, achamos interessante apresentar outra categoria importante, a QUALIDADE DA ARBITRAGEM E SUAS INFLUÊNCIAS. Conforme os próximos relatos, poderemos observar que a qualidade da arbitragem sofre diversas influências durante uma partida:

“Entra aquele ponto que eu falei do jogo, do jogo de um time só que tu vai te desconcentrar. Porque tu vai ter um time quase sem fundamento e tecnicamente vai ser abaixo do outro, então tu vai ter um enfrentamento desigual, daí na visão da arbitragem, um time melhor vai atacar muito mais que o outro e o time que é inferior, em geral, não vai saber marcar e o que vai acontecer? Vai ter muito mais faltas. Então tu vai chegar num momento do jogo que tu vai ter marcado 15 faltas pra uma equipe e 3 pra outra.. "Ah mas a arbitragem tá marcando só pra um lado", não, não tá, é que um time sabe marcar e o outro não sabe. (...) Isso influencia muito na arbitragem... e daí entra outra situação estressante porque o técnico vai falar "ah, tá 5x0 em faltas", bom isso não quer dizer nada (...) é que um time tá infiltrando, tá buscando o jogo e o outro mesmo querendo não consegue. São situações que acontecem muito, em base, principalmente 12 e 13 (...) A gente tá ali pra gerir o jogo, a gente não tá pra querer atrapalhar um ou atrapalhar outro, então no momento que a qualidade do jogo cai, a nossa qualidade de arbitragem cai junto, porque a gente vai começar a dar atenção a outras coisas que a gente não tinha que dar, então quanto mais coisas pra cuidar, mais chances da gente deixar passar uma coisa importante.” (Árbitro 2)

“(...) nós temos que trabalhar... trabalhar... eles têm que ir já com conhecimento, não pode ir verdinho, imaturo... ele vai crescer o seu conhecimento em cada jogada, partida que realizar... quanto mais jogos o atleta fizer e mais jogos o arbitro fizer, com seus níveis técnicos, vai ser melhor pra todo mundo.” (Técnico 2)

Podemos perceber que o nível técnico dos jogadores influencia bastante na qualidade da arbitragem. Um jogo com nível técnico mais baixo, consequentemente irá interferir na qualidade da arbitragem, uma vez que outros lances acontecerão e os árbitros terão que ter mais cuidado com outros elementos, que não só as infrações comuns.

Para melhorar o contexto da arbitragem, segundo RIERA (1989), é necessária a profissionalização, isto porque ela requer uma grande dedicação, o que não é possível se o árbitro tiver que se dividir com outras funções. O mesmo sugere que ações devem estar voltadas para melhorar a formação e competência da arbitragem. Esta formação não pode se resumir a

estudos de regras, mas também trabalhos psicológicos. De maneira complementar, afirma que é importante educar a sociedade para ter mais respeito com os árbitros (apud, PEREIRA, SANTOS e CILLO, 2007).

Com toda essa discussão, a seguir apresentamos nossas considerações finais que estão longe de serem conclusivas, em função dos limites do nosso universo de estudo, entretanto podem representar uma importante contribuição visando a evolução de nossa compreensão sobre o fenômeno da arbitragem em geral e da arbitragem do basquetebol nas categorias de base, mais especificamente.

5 CONSIDERAÇÕES A MODO DE CONCLUSÃO

Identificamos as opiniões dos técnicos e atletas a respeito da condução do jogo pelo árbitro nas categorias até 14 anos e as opiniões dos próprios árbitros sobre como observam a sua função ao atuar com esse público, temas esses que eram os objetivos principais do nosso estudo.

Destacamos a necessidade de o árbitro ter a vivência do jogo, para uma melhor adaptação e mais rápida evolução dentro da profissão. No decorrer da partida, é bem comum acontecerem situações conflitivas que requerem uma sensibilidade maior do árbitro para resolver, como por exemplo a marcação de faltas em lances com mais contato e a própria falta técnica. O fato de o árbitro ter praticado o esporte em nível estadual e não escolar, ou seja, com mais competitividade, o prepara melhor para solucionar as situações mais estressantes do jogo, o deixa mais atento para lances pontuais e diminui o risco de dúvidas em jogadas mais difíceis. Entretanto, é sabido que existem diversos árbitros que não tiveram essa prática no esporte de maneira tão competitiva e, mesmo assim, obtiveram êxito dentro da profissão. Contudo, pensamos ser importante para facilitar o crescimento na carreira e aumentar a sensibilidade do árbitro dentro do jogo.

No que diz respeito à arbitragem pedagógica, constatamos que a maioria dos entrevistados concorda com o fato de a arbitragem ter de ser mais educativa do que punitiva nas categorias até 14 anos. Aqui em Porto Alegre as opiniões são divididas quanto a atuação dos árbitros nesse quesito. Enquanto os técnicos e os atletas reclamam que os árbitros punem demais e conversam de menos, os árbitros afirmam que existe esse espaço para a conversa e para a explicação das regras dentro da partida. Os técnicos criticam a arbitragem, também, quanto forma de apitar em diferentes categorias, onde falam que esta deve se adequar conforme a faixa etária dos atletas, que deve haver essa diferenciação, pois seria como um professor ensinar a um aluno, há maneiras de ensinar uma criança de 12 anos e um jovem de 17 anos. Acreditamos que essa adaptação às categorias de jogo é necessária visto que algumas crianças estão iniciando no esporte competitivo, outras já possuem alguma experiência, porém pouca e, ainda, outras estão realizando a transição no esporte, onde até o sub13 se joga com uma bola de um determinado tamanho e uma tabela a uma determinada altura e, aos 14 anos, isso muda, passando a aumentar o tamanho da bola e a altura da tabela, tornando o jogo mais difícil para essas crianças.

No que se refere ao acompanhamento, verificamos que existe esse auxílio. Ou seja, os árbitros mais novos recebem essa ajuda para evoluir dentro da profissão seja por feedbacks na

hora do jogo, seja por conversas junto ao grupo de arbitragem, seja pela comissão de arbitragem, que realiza visitas para conferência da atuação dos árbitros, conforme relato dos árbitros mais experientes da região. Talvez esse auxílio não esteja sendo tão eficiente, de acordo com a fala dos técnicos e jogadores, uma vez que existem muitas reclamações sobre a forma de apitar e a postura de alguns árbitros da região.

Notamos que há necessidade de uma interação mais próxima entre árbitros e técnicos e árbitros e atletas. Atualmente parece existir um tipo de barreira entre essas relações o que dificulta a evolução de ambas as partes, mas principalmente do atleta. Quando tratamos com categorias de base, mais precisamente até os 14 anos, precisamos ter cuidado pois estamos lidando com um ambiente de formação, conforme o relato de um entrevistado, onde os atletas estão para aprender, logo toda a atenção e ajuda é necessária.

Identificamos que o desconhecimento das regras implica em uma série de fatores negativos para o jogo e, conseqüentemente, para a qualidade da arbitragem. O que torna pior ainda se estiver ligado a uma má educação. O atleta que desconhece a regra e não tem respeito pelo árbitro e, por isso, reclama de todas as marcações, está passível de levar uma falta técnica, que é sempre uma situação de bastante estresse entre os árbitros e para o jogo em si. Conhecer as regras e saber aplicá-las - no caso dos árbitros - ou saber utilizá-las - no caso dos jogadores e técnicos - é de extrema importância para a fluidez da partida. Ficou claro que é necessário que as regras sejam expostas aos jogadores durante os treinamentos, para que os atletas não tenham a necessidade de se deparar com situações em que desconhecem a regra no meio da partida, o que pode causar desconforto e tirar a atenção do atleta.

Ainda, elucidamos que a qualidade da arbitragem está diretamente ligada com a qualidade do jogo. Uma vez que o jogo é mais fraco, em termos técnicos, a arbitragem tende a se desconcentrar, o que pode ocasionar situações estressantes dentro da partida.

Fazer o TCC 1 e TCC 2 concomitantemente certamente também representou uma dificuldade a mais a ser superada. Não temos dúvida em afirmar que o tempo limitou bastante nossa capacidade tanto de ir a campo como de analisar e discutir com mais profundidade os dados que iam aparecendo. Também nossa falta de experiência com a pesquisa e o próprio exercício da escrita dentro das normas científicas representaram dificuldades significativas para a consecução de nosso trabalho.

Concluindo, não temos a pretensão de encerrar as questões referentes ao assunto, mas continuar a discussão a respeito da função dos árbitros de basquete em categorias de base. Sem falsa modéstia, acreditamos ter dado um passo importante nessa direção.

Cabe salientar, também, que este trabalho permitiu, com o exercício e repetições, ir abordando de forma mais abrangente o roteiro das entrevistas. Ao trabalhar como técnico e como árbitro e por ter a vivência como jogador, o autor pode entender melhor algumas opiniões acerca de como a arbitragem vem atuando junto às categorias de base, fase que é muito importante na vida de um jogador.

Por fim, acreditamos que os objetivos planejados no início da pesquisa foram satisfatoriamente alcançados.

6 REFERÊNCIAS

Barbosa, L.G.; Cruz, J.F. Estudo do *stress*, da ansiedade e das estratégias de confronto psicológico no handebol de alta competição. **Psicologia: teoria e investigação prática**, v.2, p.523-48, 1997.

Byrne, T. (1993) Sport: It's a family affair. In LEE, M. (Ed.) **Coaching Children in Sport: Principles and Practice**. London: SPON.

Daolio, J.; Velozo, L.E.; A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. **PENSAR A PRÁTICA** v. 11 n. 1 p. 9-16, jan./jul. 2008

De Rose Junior, D.; Deschamps, S.; Korsakas, P. Situações causadoras de “*stress*” no basquetebol de alto rendimento: fatores competitivos. **Rev. paul. Educ. Fís.**, São Paulo, 13(2): 217-29, jul./dez. 1999

De Rose Junior, D.; Pereira, F.P.; Lemos, R.F. Situações específicas de jogo causadoras de "stress" em oficiais de basquetebol. **Rev. Paul. Educ. Fís.**, São Paulo, 16(2): 160-73, jul./dez. 2002.

De Rose Junior, D.; Vasconcellos, E.G. Situações específicas de “*stress*” no basquetebol. **Revista Paulista de Educação Física**, v.7, n.2, p.25- 34, 1993.

FGB (2017) www.basquetegaucho.com.br Site oficial da Federação Gaúcha de Basketball

FIBA (2017) www.fiba.com Site oficial da Federação Internacional de Basquete.

Fraser, M. T. D.; Gondim, S. M. G. **Da fala do outro ao texto negociado**: Discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Paidéia. p.139 - 152. 2004.

Freire, J.B.; Venâncio, S. **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2005. 183p.

Kocian, R. C.; Botura, H. M. L.; Nicola, T. L.; Zanetti, M. C.; Machado, A. A. Psicologia do esporte e arbitragem esportiva: Estudos de uma profissão. **Coleção Pesquisa em Educação Física** - Vol.6, nº 2 – setembro/2007

Ladeira, M. F. T.; Darido, S. C. Educação Física e Linguagem: Algumas Considerações Iniciais. **Motriz**, Rio Claro, v.9, n.1, p. 31 - 39, jan./abr. 2003

Lüdke, M.; André, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99p.

Madden, C.C.; Summers, J.J.; Brown, D.F. The influence of perceived *stress* on coping with competitive basketball. **International Journal of Sport Psychology**, v.21, p.21-35, 1990.

Oliveira, C. L. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características**. Travessias (UNIOESTE. Online), 2009.

Paes, R. R. A Pedagogia do Esporte e os Jogos Coletivos. In: De Rose Junior, D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2009. p. 256.

PARANÁ. Sérgio Ferreira. Governo do Estado do Paraná. Vida de Árbitro e a Importância do Papel Pedagógico nos Escolares. 2013. Disponível em: <<http://www.esporte.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=4452>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

Pereira, N. F.; Santos, R. G. M.; Cillo, E. N. P. Arbitragem no futebol de campo: Estresse como produto de controle aversivo. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v. 1, p. 2-10, 2007.

Reverdito, R. S.; Scaglia, A. J. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. São Paulo: Phorte, 2009. p. 264.: Il.

Santos, A. R. R. Espírito esportivo - Fair Play e a prática de esportes. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – p 13-28. 2005

Smith, R.R. (1986) A component analysis of athletic stress. In M.P WEISS and D. GOULD (ed), Sport for children and youths. Champaign (III), **Human Kinectics**, p. 107-111.

Zingano, G. M. **Um estudo sobre a formação de árbitros de basquete: o caso do Rio Grande do Sul**. 2009. 76 fl. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ANEXO A: Carta sobre o espírito desportivo.

(La Régie de la Sécurité dans les Sports du Québec - 1984)

Os educadores, os pais, os treinadores, os atletas, todos os praticantes desportivos são convidados a mostrar que possuem Espíritos Desportivos, cumprindo os dez artigos da Carta sobre Espírito Desportivo. A cada um compete procurar promover uma prática do desporto mais humana e mais formativa.

Artigo 1

Mostrar espírito desportivo é antes de tudo respeitar escrupulosamente todos os regulamentos; significa nunca procurar deliberadamente cometer uma infração aos regulamentos.

Artigo 2

Mostrar espírito desportivo é respeitar os árbitros do jogo. A presença de árbitros é absolutamente indispensável na competição. Eles têm um papel difícil e ingrato a desempenhar. Eles merecem o respeito de todos.

Artigo 3

Mostrar espírito desportivo é aceitar todas as decisões do árbitro, sem nunca pôr em causa a sua honestidade.

Artigo 4

Mostrar espírito desportivo é reconhecer com dignidade, na situação de vencidos, a superioridade do adversário.

Artigo 5

Mostrar espírito desportivo é aceitar a vitória com modéstia e sem ridicularizar ou diminuir o adversário.

Artigo 6

Mostrar espírito desportivo é saber reconhecer os bons resultados do adversário.

Artigo 7

Mostrar espírito desportivo é querer competir com igualdade de circunstâncias com o adversário. É contar apenas com o seu talento e suas capacidades para alcançar a vitória.

Artigo 8

Mostrar espírito desportivo é recusar ganhar por meios ilegais e/ou fraudulentos.

Artigo 9

Mostrar espírito desportivo significa para os árbitros conhecer bem todas as regras e aplicá-las com imparcialidade.

Artigo 10

Mostrar espírito desportivo é ser digno em todas as circunstâncias; é demonstrar controlo sobre si próprio. E recusar utilizar em qualquer situação a violência física ou verbal.

(Santos, 2005)

APÊNDICE A: Roteiro da entrevista (árbitro)

1. Curso de formação.
2. Compreensão da realidade existente do mundo da arbitragem.
3. Tipo de acompanhamento realizado.
4. Situações estressantes.
5. Conhecimento das regras.

APÊNDICE B: Roteiro da entrevista (técnico)

1. Curso de formação.
2. Percepção sobre a importância da arbitragem no processo de educação dos atletas.
3. Possibilidades de interação.
4. Situações estressantes.
5. Conhecimento das regras e suas aplicações nas relações que se estabelecem.
6. O erro e seus efeitos.

APÊNDICE C: Roteiro da entrevista (atleta)

1. Formação como atleta.
2. Percepção sobre a importância da arbitragem.
3. Qualidade da relação com a arbitragem.
4. Descrição de situações que provocam reações conflitivas.
5. A importância do conhecimento das regras.

APÊNDICE D: Termo de consentimento livre e esclarecido

Eu, _____, estou sendo convidado a participar de um estudo denominado: “A realidade da arbitragem nas categorias de base do basquete: o caso de Porto Alegre”, cujos objetivos são: verificar a opinião dos técnicos/ professores e atletas a respeito da condução do jogo pelo árbitro nas categorias até 14 anos, bem como compreender como o próprio árbitro observa a sua função ao atuar com esse público.

A minha participação no referido estudo será no sentido de responder a um questionário semiestruturado, de maneira oral, visando discutir os pontos relevantes da pesquisa acima mencionada.

Recebi os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar de justificativa. Caso deseje sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

O pesquisador envolvido com o referido Trabalho de Conclusão de Curso é Leonardo Ximenes - UFRGS e com ele poderei manter contato pelo telefone (51) 98242-0581.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor do trabalho mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

No entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, haverá ressarcimento na forma seguinte: pagamento em dinheiro. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da minha participação no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determina a lei.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para ESEF UFRGS (51) 3308-5804 ou mandar um e-mail para esef@esef.ufrgs.br.

Assinatura do entrevistado/responsável

Assinatura do pesquisador

Data: ____/____/2017.

Assinatura do orientador da pesquisa